

ZENIT - O mundo visto de Roma

Código: ZP07052319

Data de publicação: 2007-05-23

Pautas para discernir andamento da globalização, segundo secretário-geral de «Caritas»

Intervenção na sessão de estudo de «Pax Romana»

ROMA, quarta-feira, 23 de maio de 2007 (ZENIT.org).- Quanto a princípios cristãos, o modelo atual de globalização fracassa, mas podem ser resgatados determinados elementos que, adequadamente potenciados, podem conduzir a outra globalização, a da solidariedade, afirma o secretário-geral de «Caritas Internacional» (CI).

Duncan MacLaren ofereceu nesta terça-feira, em Roma, sua experiência à sessão de estudo «A Santa Sé: uma face de outra globalização -- o trabalho pela Justiça e pela Paz», organizada por ocasião do 60º aniversário da federação «Pax Romana» (www.paxromana.org).

Ele o fez traçando o perfil de CI, «uma das maiores redes de ajuda humanitária e de desenvolvimento do mundo», como confederação de 162 agências católicas orientadas a tal objetivo, que desenvolvem seu trabalho sem distinção de religião, etnia, credo ou orientação política em mais de 200 países e territórios.

CI, expressão sócio-pastoral da Igreja Católica, também contempla, segundo princípios cristãos, o atual modelo da globalização, e desta constata seu fracasso, expressou MacLaren.

Uma análise -- em primeiro lugar -- desde «a opção preferencial pelos pobres» obriga a considerar que, ainda que tenham sido produzidos alguns avanços econômicos, de alfabetização e de expectativas de vida em países anteriormente pobres, «o número de pessoas que vivem com menos de um dólar por dia nesta era da globalização da economia ainda supera os bilhões», recordou.

E «vinte e oito mil crianças morrem a cada dia por causas relacionadas à pobreza», denunciou.

Em segundo lugar, advertiu que «qualquer sistema de globalização que leve à exclusão» -- como está ocorrendo -- lesa o princípio de «unidade da família humana».

Por sua parte, a aplicação do terceiro princípio, o do «destino universal dos bens da criação», buscaria seriamente como dirigir o bem comum da comunidade global, de forma que os direitos de todos sejam respeitados.

Porém, seguindo MacLaren, «o sistema de globalização em andamento levou a uma maior concentração da riqueza em menos mãos, com 60% da população do mundo subsistindo com 5,6% de sua renda».

«Também levou a um menor acesso à tomada de decisões -- acrescentou --, não só com relação aos cidadãos, mas à participação de países pequenos ou frágeis em instituições multilaterais.»

A alternativa é a «globalização da solidariedade», uma expressão -- retomada por MacLaren -- com a qual João Paulo II buscava definir a forma de contrapor os efeitos prejudiciais do fenômeno globalizador, substituindo-o pela «cultura da solidariedade que dê prioridade às necessidades dos mais vulneráveis».

«A doutrina da opção preferencial pelos pobres ensina que os efeitos da globalização devem ser medidos não por como os ricos se converteram em tais, mas por como se fomentou a dignidade humana», e isso é «solidariedade sem exclusão», afirmou.

A tradução desta proposta a efeitos práticos «significa uma economia que tenha entre seus objetivos centrais a eliminação da desumanizadora pobreza», traçou Duncan MacLaren; «significa uma sociedade que inclua» ao invés daquela que rejeita «o pobre, doente ou idoso»; significa o fortalecimento da comunidade e da participação cidadã, ao invés do individualismo desenfreado; significa acreditar na paz, não na guerra, como meios de resolução das diferenças entre as nações.

Levar adiante um programa assim «requer promover um discurso ético na vida política internacional» -- confirma --, sublinhando que «existe uma obrigação moral em todos nós de impulsionar objetivos de desenvolvimento social».

Recém chegado de uma viagem com uma delegação de cardeais e bispos para encontrar os líderes do G8, o secretário-geral de «Caritas Internacional» aproveitou para aludir também aos «Objetivos de Desenvolvimento do Milênio».

«Todos os líderes mundiais os assinaram em 2000. Não são utópicos; disseram que reduziríamos a pobreza pela metade em 2015, não que acabaríamos com ela», apontou.

Apesar de serem politicamente factíveis, tais objetivos são vistos cada vez mais como fora de alcance, e Maclaren adiantou perspectivas: a evolução presente na África subsaariana sugere que a educação primária para todos não se conseguirá até o ano 2130, ou seja, 115 anos mais tarde; reduzir a pobreza pela metade, 135 anos mais tarde; desterrar o fenômeno da mortalidade infantil evitável, 150 anos mais tarde.

«Contudo, estes objetivos eram um laço de confiança entre o mundo rico e o pobre, e é óbvio que sem uma gigantesca pressão pública, a reunião do G8 em junho, na Alemanha, não seguirá suas promessas nem liderará o resto do mundo com relação a uma situação inumana que não pode continuar», concluiu.

Receba os Serviços de ZENIT por [correio eletrônico](#) !

[Voltar](#)

[Voltar para a página principal](#)

© Innovative Media, Inc.

A reprodução dos serviços de ZENIT necessitam da permissão expressa do [editor](#).